

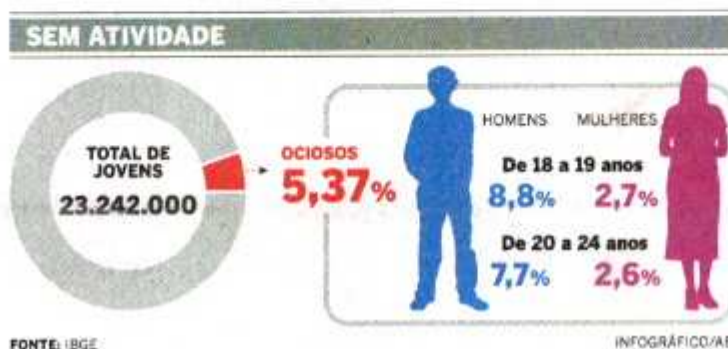
Mais de 1,2 milhão de jovens no País são ociosos, diz IBGE

Mais de 5% da faixa de 18 a 24 anos não estuda, não trabalha e não ajuda em casa

A Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE mostra que, em 2008, 1,2 milhão de jovens de 18 a 24 anos não exerciam atividade produtiva - não trabalhavam, não estudavam e não ajudavam em afazeres domésticos. O número representava 5,37% do total da população nessa faixa etária. O fenômeno se deve em boa parte ao desempre-

go, mas outros fatores, como deficiências, doenças ou simplesmente falta de ocupação, também pesaram, segundo os pesquisadores. A inatividade é maior entre os homens, porque as mulheres, quando não têm emprego, em geral se incumbem de tarefas domésticas. Por outro lado, na mesma faixa etária, passou para 13,9% a propor-

ção dos jovens que cursam uma universidade. Uma década antes, o percentual era de 6,9%. O índice de brasileiros que frequentam instituição de ensino superior, independentemente da idade, chegou a 30%. O crescimento se explica pela expansão das universidades e pelo aumento da oferta de bolsas do governo federal. ● PÁGS. A22 e A23



Mais de 1,2 milhão de jovens estão ociosos no Brasil, segundo IBGE

Eles representam 5,37% dos brasileiros entre 18 e 24 anos e não trabalham, não estudam, não ajudam em casa

Wilson Tosta

RIO

Mais de 1,2 milhão de jovens de 18 a 24 anos não exerciam, em 2008, nenhuma atividade produtiva no Brasil, segundo números apresentados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Síntese de Indicadores Sociais referente ao ano passado. Essa enorme ociosidade juvenil - 1.245.270 pessoas que não estudavam, não trabalhavam e não ajudavam em afazeres domésticos - atingia 5,37% dos 23.242.000 brasileiros desta faixa etária no País. Ela se deve, em boa parte, ao desemprego.

O levantamento foi feito por técnicos do IBGE com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada em setembro. Os números da falta de atividade produtiva de parte dos jovens brasileiros foram calculados pelo **Estado**, a partir da síntese.

Segundo o IBGE, a inatividade em 2008 era maior no sexo masculino, com 943.675 homens que não trabalhavam, não estudavam e não ajudavam em afazeres domésticos. Eram 301.591 mulheres na mesma situação. Entre os rapazes, havia 300.344 inativos de 18 a 19 anos e 643.335 de 20 a 24 anos; entre as garotas, 88.209 na primeira faixa, e 213.382 na segunda.

O grande número de jovens sem atividade produtiva chamou a atenção da pesquisadora Lara Gama, do IBGE, que trabalhou no capítulo referente a crianças, adolescentes e jovens da síntese. "Uma parte dessas pessoas sem atividade estava procurando emprego, cerca de metade dos homens que disseram não fazer nada estava nessa situação", diz Lara.

Ela explica que o IBGE limitou-se a apresentar aos entrevistados cinco opções de resposta - só trabalha, só estuda, trabalha e estuda, cumpre afazeres do-

mésticos e não faz nada -, mas não perguntou o motivo. "Outra parte pode ter deficiências, doenças ou simplesmente não tem uma ocupação, mas não é possível determinar o motivo", afirma.

A pesquisadora diz que a falta de atividades é menor no sexo feminino por vários motivos: as mulheres estão entrando mais fortemente no mercado de trabalho e, quando não têm emprego, em geral se incumbem de tarefas domésticas.

Uma quantidade muito maior de jovens na mesma faixa etária, porém, declarou exercer atividades produtivas. Ao todo, 3.853.755 homens e mulheres dessa idade (16,58% do total) acumulavam trabalho e estudo. Outro grupo, formado por 3.236.267 pessoas, só estudava.

E 11.051.503 só trabalhavam.

FAMÍLIAS

A inatividade de parte expressiva dos jovens brasileiros se dá em um quadro de melhoria da distribuição de renda, embora permaneçam grandes os níveis

de desigualdade. Em 1998, 27,3% das pessoas com até 17 anos viviam em famílias em situação de extrema pobreza, com renda familiar per capita de até um quarto do salário mínimo. Em 2008, essa proporção caiu para 18,5%.

Quase metade, porém, ainda vivia, no ano passado, em famílias com menos de meio salário mínimo de renda familiar per capita (44,7%). No Nordeste, a proporção de jovens em famílias pobres ou extremamente pobres era maior, 66,7%, ante 73,1% em 1998. "Tais melhoras podem ser atribuídas ao efeito de políticas públicas de transferência de renda", diz o estudo.

A síntese também aponta a redução da população brasileira mais jovem. Em 1998, as crianças de zero a 6 anos eram 13,2% da população, passando a 10,2% em 2008. Menos da metade da população (43,2%) estava na faixa de zero a 24 anos, o que coloca o Brasil entre os países em processo de envelhecimento.

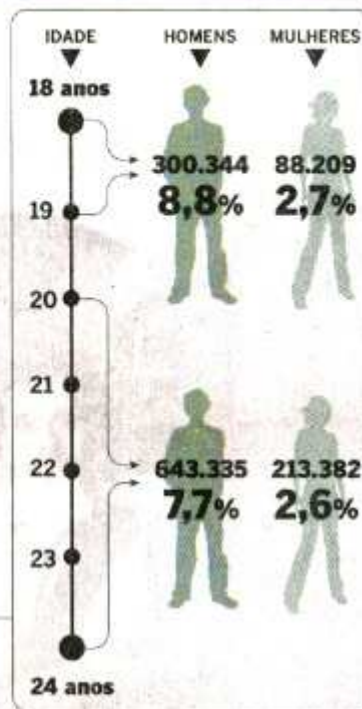
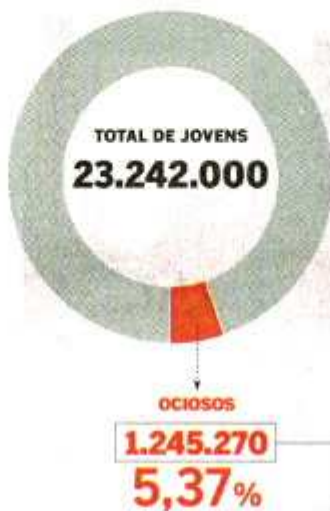
A pesquisa se baseou na Pnad - na qual 2,5 mil pesquisadores ouviram 391 mil pessoas em 150 mil domicílios. Outras bases de dados foram consultadas. ●

Mulheres avançam no mercado, ganhando menos

...As mulheres avançaram no mercado de trabalho e na educação, mas ainda ganham menos do que os homens. Entre 1998 e 2008 aumentou de 64,8% para 68,5% a proporção de mulheres de 20 a 24 anos no mercado de trabalho. No grupo de 16 a 24 anos, a taxa de atividade (porcentagem de pessoas economicamente ativas em relação ao total das que estão em idade ativa) subiu de 53,6% para 58,3% entre as mulheres. Entre as pessoas com 12 anos ou mais de estudos, 57% eram mulheres. Mesmo assim, as mulheres na posição de empregadoras ganham em média R\$ 2.497, enquanto a média masculina é de R\$ 3.161. ● W.T.

OCIOSIDADE

Declararam que não estudam, não trabalham e não ajudam em afazeres domésticos



Renda

Proporção de jovens de 0 a 17 anos com rendimento familiar per capita até 1/4 de salário mínimo



FONTE: SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS - UMA ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA 2009 - IBGE (ANO DE REFERÊNCIA: 2008)

INFOGRÁFICO/AE

'Desocupados' se divertem e fazem planos

Jovens deixaram escola e emprego

Desde que foi demitida do seu último emprego, a paulista Taís Toniato, de 20 anos, passa as madrugadas na frente do computador e acorda todos os dias às 15 horas. Como não ajudava nas tarefas domésticas, foi expulsa de casa pela mãe. "Ficava sem fazer nada, só comendo e bagunçando." Ela mora com o pai e vive com os R\$ 600 do seguro-desemprego. "É uma fase. Estou procurando em-

prego e no ano que vem quero começar a faculdade", diz ela, que viajou de São Paulo para o Rio por causa do feriado.

Além de Taís, Camilo Jaime da Silva, de 23 anos, também faz parte do total de 1,2 milhão de jovens "desocupados" que têm entre 18 e 24 anos. Às 14 horas de ontem, numa pista de skate na Penha, zona leste de São Paulo, ele se divertia com os amigos. Desempregado há um ano, ele havia chegado à praça às 10 horas. "A gente sai daqui só de madrugada", diz. Ele mora

com um amigo e há uma semana faz serviços temporários numa empresa de refrigeração. Fora da escola desde o último ano do ensino fundamental, porque precisava trabalhar, Camilo faz planos: fazer supletivo, arrumar um emprego e entrar na faculdade de Engenharia Elétrica. "Mas não sou muito inteligente, não gosto de estudar", afirma ele, que quer ser empresário. "Acho que é sorte. Tem gente que não tem estudo e é empresário."

Suellen Vieira, de 18 anos, também largou os estudos. Após repetir a mesma série quatro vezes, ela parou de estudar neste semestre. Agora, distribui currículos. "Não ia para a escola porque queria curtir a vida na rua", conta ela, que, enquanto não consegue um trabalho, passa as tardes em lan houses. ●

Mariana Mandelli

SÃO PAULO

Fabiana Cimieri

RIO DE JANEIRO



PERSPECTIVA - Camilo da Silva, de 23 anos, diz que quer ser empresário, mas não gosta de estudar

Desigualdade cai, mas continua alta

Em 2008, grupos dos mais ricos ganhavam 18 vezes a renda dos pobres, ante 20,2 em 2006

RIO

Em três anos, de 2006 a 2008, diminuiu muito rapidamente a distância entre os dois extremos de rendimentos da sociedade brasileira, o que reduziu a desigualdade social no País, apontou o estudo do IBGE. A melhoria na renda contrasta com dados referentes a bens e serviços: apenas 61% dos domicílios brasileiros tinham simultaneamente, em 2008, água encanada, coleta de esgoto, de lixo e iluminação elétrica.

Em 2006, a razão entre a renda familiar per capita dos 20% mais ricos e dos 20% mais pobres era 20,2, ou seja, o grupo mais rico ganhava 20,2 vezes a renda do mais pobre. No ano seguinte, essa relação caiu a 18,7, e em 2008, foi a 18. O nível ainda é alto – em países desenvolvidos, fica em torno de 4 a 6 –, mas já mostra redução na desigualdade entre os brasileiros, segundo Ana Lucia Saboia, coordenadora-geral do estudo.

O IBGE também apurou que caiu a proporção de pessoas com rendimento familiar per capita abaixo de 60% do mediano. Como foi estimado em R\$ 415, os 60% eram R\$ 249 em 2008 – essa medida serve para mensurar a pobreza dos grupos sociais. Em 2006, 37,3% ganhavam menos que essa fronteira; em 2007, 36,1%; em 2008, 33,8%. Também caiu o diferencial entre o rendimento familiar mensal per capita das famílias dos 10% mais ricos em rela-

ção aos 40% mais pobres. Em 2001, era 22,1 e em 2008, 16,8. Os números foram comemorados pelo diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Néri. Ele lembrou que a queda começou em 2001 e se acentuou a partir de 2004, porque se associou ao crescimento econômico. “Não era mais como em 2001, quando o bolo caiu e a parte dos pobres caiu menos.”

Os problemas de distribuição de renda, porém, conti-

nuam. Enquanto o rendimento familiar médio ficou em R\$ 720, metade das famílias vivia com menos de R\$ 415 – salário mínimo vigente em setembro de 2008.

SERVIÇOS

Apesar de 40% das residências brasileiras não terem ao menos um serviço público essencial (água encanada, coleta de esgoto, de lixo e iluminação elétrica), o dado representa um avanço em relação a 1998. Naquele ano, o percentual de unidades com os quatro benefícios ao mesmo tempo era de 56,8%, ante 43,2% desprovidos de pelo menos um deles. A região com maior acesso era o Sudeste (82,6% dos lares) e a com menor era o Norte (14,9%). ● W.T.

NÚMEROS

R\$ 720 era

o rendimento familiar médio das famílias em 2008. Metade das famílias vivia com menos de R\$ 415

40% dos domicílios

não tinham em 2008 ao menos um serviço público essencial

Dobra nº de jovens na universidade

Taxa saltou de 6,9% para 13,9% de 1998 a 2008; ProUni e expansão das instituições são principais fatores

RIO

Dobrou no Brasil a proporção de jovens de 18 a 24 anos que cursam uma universidade. Segundo a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, divulgada ontem, a taxa passou de 6,9% para 13,9% entre 1998 e 2008. O índice de brasileiros que frequentam uma instituição de ensino superior (independentemente da idade), porém, é de 30%, segundo números da Unesco.

A boa notícia - que representa um salto para padrões brasileiros, mas ainda deixa o País distante das nações desenvolvidas - coincide com um período de expansão das instituições de ensino superior particulares no País e a criação do Programa Universidade Para Todos (ProUni), que dá milhares de bolsas por ano a alunos de escolas públicas em universidades privadas.

"Foi um salto grande", afirmou o pesquisador Cláudio Moura e Castro, que comentou números da pesquisa sobre educação a pedido do **Estado**. "Não dá para ir mais rápido."

Segundo ele, no Brasil, o dado que não leva em conta a idade do estudante (chamado de frequência bruta) é mais importante do que o que só considera os alunos em idade e série adequadas (frequência líquida). Isso porque enquanto o segundo indicador mostra a eficiência do sistema educacional, o primeiro mede o resultado. "Para

Total de crianças e jovens de 7 a 14 anos na escola chegou a 97,9%

o mercado é importante que a pessoa se forme, independente da idade", explicou o pesquisador, destacando que, no Brasil, como a educação é deficiente, ainda há um considerável atraso escolar. "As pessoas terminam o ensino médio mais tarde, vão trabalhar antes e entram para a universidade depois."

ENSINO MÉDIO

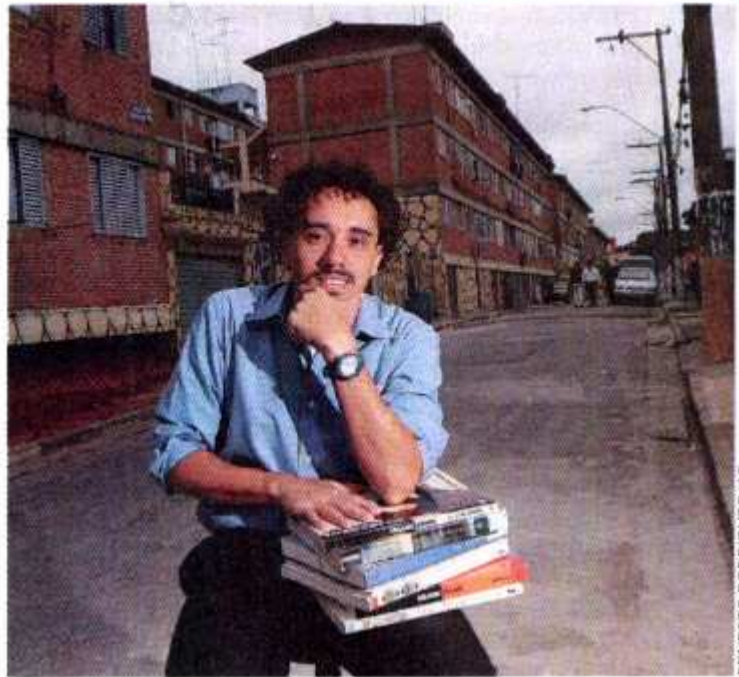
Também houve expansão no ensino médio. A taxa passou de 76,5%, em 1998, para 84,1%, em 2008. Desse total, 50,6% dos es-

MUDANÇA

Família já tem 1º universitário

... O estudante universitário Danilo Espindola, de 29 anos, ingressou no curso de Propaganda e Marketing da Universidade Paulista (Unip) graças ao ProUni. "Já é difícil encontrar um bom trabalho com diploma. Imagina sem", aponta Espindola, que já é formado em design gráfico.

Espindola trabalha em casa, um apartamento da Cohab em Carapicuíba, na Grande São Paulo. Sua mãe veio de Pernambuco e ainda pretende concluir o ensino fundamental. Tem duas irmãs mais novas que já passaram pelo ensino médio e também pretendem ingressar na faculdade. ● A.G.



FOTOGRAFIA: DANILLO ESPINDOLA

tudantes estão na série adequada à idade, o que também representa um progresso – em 1998, o índice era de 30,4%. Segundo o IBGE, se esse ritmo for mantido, o País chegará a 2018 com 70,8% dos estudantes com idade adequada no ensino médio, ainda abaixo dos países desenvolvidos (em torno de 90%).

"O ensino médio é muito ruim", disse Moura e Castro. "É muito chato, muito abstrato. Se a escola for boa é voltado para o vestibular e se for ruim, o currículo do Ministério da Educação não diz o que fazer."

TEMPO DE ESTUDO

O percentual de jovens de 18 a 24 anos com pelo menos 11 anos de estudo subiu de 18,1%, em 1998, para 36,8%, no ano passado. O indicador, apesar de baixo, também dobrou. Em 2008, 45,3% das pessoas com 15 anos ou mais tinham menos de oito anos de estudo. Nessa mesma faixa etária, 21% têm menos de quatro anos de estudo e, por isso, são considerados analfabetos funcionais (o critério que define o analfabetismo funcional é o número de anos de estudo).

A evolução, porém, parece lenta. Em 2008, a média de anos de estudo na população com 15 anos ou mais era de 7,4%. No Sudeste, o índice chegava a 8,1%, mas no Nordeste estava em 6,2. Na faixa acima de 25 anos, o número de anos de estudo no período analisado "não cresceu um ano completo", diz a Síntese do IBGE.

Na escala de rendimentos, o melhor resultado foi obtido entre os 20% dos brasileiros que mais têm dinheiro – o tempo médio de estudo chegou a 10,3 anos. Por outro lado, nesse mesmo grupo, só 21,5% tinham o ensino médio completo.

O levantamento do IBGE também apontou acentuada diferença no número de anos de estudo entre os brasileiros que moram na cidade e no campo. De acordo com a sondagem, em 2008, 4,6% dos moradores da área rural e 7,9% dos da área urbana tinham estudado 15 anos ou mais. Na comparação

regional também transparece a desigualdade. No Sudeste, no ano passado a média já chegava a 8,1 anos (em 2002, eram 7,2), enquanto no Nordeste era de apenas 6,2 anos (em 2002, 5,1).

O estudo do IBGE mostra ainda a melhoria da média de anos de estudo dos mais pobres, a partir da análise da sociedade por quintos de renda. Por essa metodologia, a sociedade foi dividida em cinco grupos de 20%, de acordo com sua renda familiar per capita, dos mais pobres para os mais ricos.

Em 1998, o grupo mais pobre tinha, em média, 2,6 anos de es-

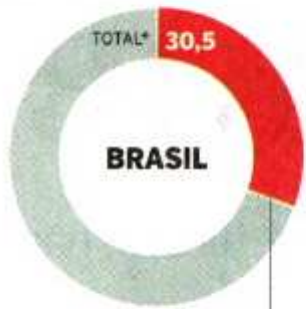
tudo. Em 2003, esse número chegou a 3,4 e em 2008, a 4,3. No segundo quinto mais pobre, a evolução foi de 3,4 (1998), 4,4 (2003) e 5,4 (2008). Já no quinto mais rico da população brasileira, a evolução dos anos de estudo passou de 9,5 (1998), para 9,8 (2003) e no ano passado chegou a 10,3 anos.

Outro indicador que mostra avanço é o que aponta o número de crianças e jovens entre 7 e 14 anos na escola. A taxa, que há dez anos era de 94,7%, no ano passado chegou a 97,9%. ● WILSON TOSTA

EDUCAÇÃO

Distribuição por nível de ensino frequentado

Jovens de 18 a 24 anos
EM PORCENTAGEM



FUNDAMENTAL 2,9 MÉDIO 11 SUPERIOR** 13,9

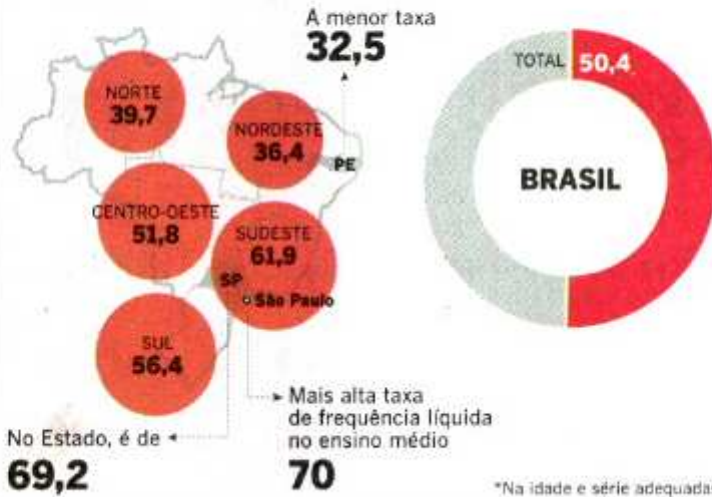
* Inclui supletivos, alfabetização de jovens e adultos e pré-vestibular

** Inclui mestrado e doutorado

Ensino médio no Brasil

Jovens de 15 a 17 anos*

EM PORCENTAGEM

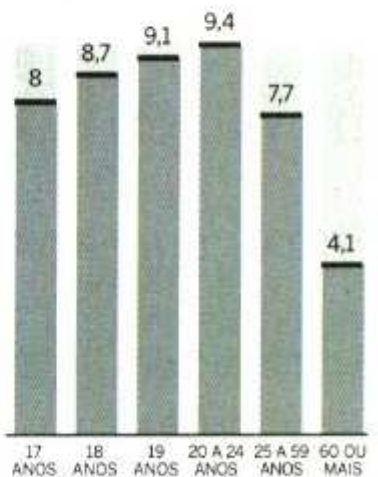


*Na idade e série adequadas

Média de anos de estudo

Da população a partir de 17 anos

EM ANOS



31% param de estudar depois do ensino médio

RIO

O IBGE constatou, na Síntese de Indicadores Sociais referente a 2008, que aumentou o percentual de jovens de 18 a 24 anos com 11 anos de estudo - ou seja, com o ensino médio completo - que não estão estudando. Em 2006, eram 29,2%; em 2007, 30%; e em 2008, 31,8%.

Para o pesquisador Cláudio Moura e Castro, especializado em educação, esses números se devem ao aumento de graduados no ensino médio, mas não é nem positivo nem negativo.

A síntese também apontou, na área educacional, a permanência de fortes desigualdades entre negros e brancos no País. No ano passado, os brancos tinham, em média, 8,3 anos de estudo, quase 2 anos a mais do que os pretos e pardos (6,7 e 6,5 anos, respectivamente).

Dois terços dos jovens brancos e menos de um terço dos pretos e pardos cursavam o nível superior. A proporção de pessoas de 25 anos ou mais com universidade concluída era de 14,7% entre os brancos e de 4,7% entre os pretos e pardos.

Mesmo assim, a pesquisa aponta que houve melhora na distribuição da frequência por níveis de ensino entre a população de cor preta e parda. Em 1998, um terço dos brancos de 18 a 24 anos já frequentavam o ensino superior, contra 7,1% dos pretos e pardos. Em 2008, os pretos e pardos no ensino superior já eram 28,7%, mas os brancos tinham chegado a 60,3%. No ano passado, só 3,8% da população preta e parda havia concluído o ensino superior.

A desigualdade também ocorre em outras áreas. No 1% da população com maior renda, só 15% era formada por pretos e pardos - 82,7% eram brancos. Já entre os 10% com a menor renda, 25,4% se declararam brancos e 73,7%, pretos e pardos. ● W.T.